

## PLANTAS E ANIMAIS USADOS NA CURA E PREVENÇÃO DO “MAU-OLHADO” SEGUNDO ESPECIALISTAS POPULARES DO RECIFE, PERNAMBUCO, BRASIL

ARGUS VASCONCELOS DE ALMEIDA<sup>1</sup> & ANDREY FELIPE CAMINHA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professor Adjunto do Departamento de Biologia da UFRPE  
Av. D. Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, Recife, Pernambuco, 52171-900 (argus@db.ufrpe.br)

<sup>2</sup>Bacharel em Ciências Biológicas pela UFRPE.

**(Plantas e animais usados na cura e prevenção do “mau-olhado” segundo especialistas populares do Recife, Pernambuco, Brasil)** – Junto a especialistas populares (raizeiros e benzedeiros) do Recife foram levantadas plantas e animais usados na cura e prevenção do “mau-olhado”. Os resultados foram obtidos por meio de entrevistas com estes especialistas nas feiras livres, mercados populares e bairros da periferia da cidade. Os resultados evidenciam formas de uso ainda não registradas na literatura de 30 espécies vegetais e duas de animais, por meio das práticas de prevenção e tratamento do “mau-olhado”. Empreendeu-se também uma revisão histórica sobre a sua ocorrência, que evidencia sua universalidade, além de uma ideologia misógena, que atribuía às mulheres o poder de transmitir os malefícios do “mau-olhado” a todos os seres vivos.

**Palavras-chave:** Mau-olhado, plantas, animais, raizeiros, benzedeiros.

**(Plants and animals used in the cure and prevention of “evil-eye” according to popular specialists in Recife, Pernambuco, Brazil)** – Together with popular specialists (herb sellers and traditional healers) from Recife were raised plants and animals are used in curing and preventing the “evil-eye”. The results were obtained through interviews with specialists in these markets and neighborhoods in the outskirts of the city. The results show ways to use not yet recorded in the literature of 30 plant species and 2 of animals, through the practice of prevention and treatment of “evil-eye”. It also undertook a review on its historical event which shows its universality, as well as a misogynous ideology, which gave women the power to convey the harm caused by “evil-eye” to all living beings.

**Key words:** Evil-eye, plants and animals, herb sellers, traditional healers.

### INTRODUÇÃO

A crença no “mau olhado” tem denominações na maioria dos idiomas e dialetos humanos, o que demonstra a sua universalidade. A palavra latina “fascium” tem derivadas em quase todas as línguas românicas, que podem empregar outros vocábulos que expressam diretamente e em termos populares e compreensíveis a ação danosa dos olhos, por exemplo, “evil eye” em inglês, “böser Blick” em alemão, “mal de ojo” e “aojo” em espanhol e “mal d’ull” e “ullprés” em catalão, “malocchio” em italiano. Recebe distintas denominações em árabe: “ain” (olho), “naz’ra” (olhar) e “nafs” (espírito) o indivíduo que possui a capacidade de prejudicar com os olhos é conhecido como “ma’iân” que olha com inveja alguma coisa. Tal crença tem existido em todas as partes do mundo, até mesmo nas mais antigas culturas. Já nos escritos romanos e gregos são feitas referências a ela. No Novo Mundo é muito possível que suas idéias se mesclaram com práticas terapêuticas indígenas.

Nos nossos dias, o “mau-olhado” é uma crença considerada típica dos setores populares e os grupos sociais que mantêm elementos tradicionais e valores culturais das suas zonas de origem. Mas também é inegável que esta crença persiste em outras classes sociais, especialmente a classe média e média alta.

Pode-se reconhecer um indivíduo capaz de transmitir o “mau olhado”, porque os seus olhos, depois de

fixados de forma insistente sobre algo ou alguém, começam a chorar de forma inexplicável e sendo acometido de dor. No entanto, acredita-se que aqueles que têm essa estranha e perigosa característica não se apercebem disso. Uma idéia muito difundida é que os olhos de uma mulher no período menstrual ou na menopausa também possuem esse poder.

O “mau-olhado” é representado como consequência não de um contato físico, nem de uma persuasão intelectual, as da transmissão de algo impalpável, de uma força interior que, penetrando no indivíduo, determina uma reação patológica específica, onde os sintomas mais significativos eram a mudança de cor do rosto acompanhada da tendência de voltar a cabeça para o chão, o desejo de permanecer na cama, cansaço nos membros, como se não tivesse mais forças, dar grandes suspiros, sentir dores por todo o corpo e recusar a alimentação, às vezes sentir frio ou calor, fechar freqüentemente as mãos, escondendo o polegar, ter contrações no ventre (MELLO, 1986).

No Brasil os termos populares associados “mau-olhado”, tais como: afíto, agouro, anga, caiporismo, encantamento, enguiço, fascínio, feitiço, feito, jetatura, malefício, negatividade, presságio, quebranto, sortilégio, tanglomanglo, urucubaca. Outros termos associados são, caruara, encanhotado, olho-de-secar-pimenteira, olho-grande, olho gordo, olho-de-matar-pinto (indivíduo que tem “mau-olhado); desolhar (ato de tirar o “mau-olhado”); desolhado (indivíduo que acabou de curar-se do “mau-

olhado) (FERREIRA, 1986). No Nordeste existe uma distinção entre o “mau-olhado” e o chamado “quebranto ou quebrante”, o “olhado” é causado pelo indivíduo que apenas olha sem falar nada; enquanto para causare o “quebrante”, a pessoa olha e se admira de qualquer aspecto ligado à vítima. Por exemplo, como esclarece uma rezadeira: “Virgem como Fulano é bonito! É muito sabido! Quando a gente se admira de qualquer coisa no outro, a gente diz benza-te Deus, para não botar olhado” (SANTOS, 2007).

A medicina mágica procura curar o que de estranho foi colocado pelo sobrenatural no doente ou extirpar o mal que o faz sofrer. As técnicas empregadas na medicina mágica são as benzeduras, conjunto de rezas, gestos ou palavras ditas por pessoas especializadas como o curador, rezador ou benzedor; as simpatias, uma forma de benzedura, mas que podem ser executadas por qualquer pessoa; os patuás, amuletos, santinhos e talismãs, elementos materiais capazes de prevenir e evitar doenças e perigos (ARAÚJO, 1977).

De acordo com CAMARGO (1985), curador é aquele que atende doentes, reza, benze, receita e conhece os elementos empregados na preparação dos remédios. A medicina popular praticada pelos curadores baseia-se em conhecimentos transmitidos oralmente pelos mais velhos aos mais moços. Geralmente ocorre entre mulheres ligadas por laços de parentesco, de avó para a filha, de mãe para filha, ou seja, de uma geração para outra.

Segundo MAIOR & LÓSSIO (2004), a benzedeira, geralmente uma mulher de meia idade, com um galhinho de alguma planta numa das mãos, vai rodeando a pessoa com “mau-olhado” e rezando. E quando termina a reza, o galhinho da planta utilizada está murcho e a pessoa curada. São geralmente pessoas respeitadas e aceitas na sua comunidade, tanto no meio rural onde vivem como nos centros urbanos nos quais convivem.

Os raizeiros trabalham no preparo, indicação e comercialização de plantas medicinais e são figuras marcantes com espaço garantido nas ruas, em feiras livres e mercados onde comercializam plantas medicinais e preparados líquidos denominados “garrafadas”, orientando como usá-las e prepará-las para curar as mais diversas doenças.

A crença em raizeiros e rezadeiras possui uma dimensão significativa no processo de cura das doenças, pois, é através desses que a medicina popular deixa de ser um conjunto fragmentado de práticas de cura para se tornar um sistema complexo e articulado de conhecimentos sobre a vida, a doença e a morte.

A religiosidade e os terapeutas populares representados por raizeiros e benzedoras adquirem um significado importante dentro do processo saúde-doença, pois oferecem, em muitos casos, respostas àquilo que é inexplicável dentro do modelo biomédico de assistência à saúde. Além disso, ofertam aos indivíduos que se encontram em situação de fragilidade devido à doença, o conforto e a força para a reelaboração e enfrentamento de seu sofrimento.

Em relação às plantas usadas no Nordeste contra o “mau-olhado”, CORRÊA (1974, edição original de 1926)

registrou o coentro e da liamba. BRAGA (1960) no Ceará registrou o uso do lacre e malvarisco CAMPOS (1967) registrou: alecrim, alho, arruda, guiné, coentro, comigo-ninguém-pode, espada-de-São-Jorge, pinhão-roxo e vassourinha-de-botão. BASTIDE (1978) estudando o candomblé da Bahia registrou: aroeira, arruda, carrapateira, macassá, manjerição, pinhão-roxo e tapete-de-Oxalá. ALBUQUERQUE (1997) estudando os cultos afro-brasileiros registrou: alecrim, arruda, espada-de-São-Jorge, guiné, aroeira, carrapateira, comigo-ninguém-pode, corona, mangerioba, mangeriçã, mangerona, pinhão-roxo, vassourinha-de-benzer e vassourinha-de-botão. MAIOR & LÓSSIO (2004) assinalaram: o coentro, a pimenta malagueta e a vassourinha-de-botão. SANTOS (2007) discute a preferência das rezadeiras por determinadas espécies de plantas para os seus rituais de benzimento, por exemplo, plantas que contenham espinhos não são usadas para a realização dos rituais de cura, porque remetia as dores que Jesus teve que suportar, uma vez que foi coroado com uma coroa de espinhos, as plantas preferidas seriam aquelas que são “repelentes de coisas ruins”, tais como ramos de pinhão-roxo, arruda, manjerição e alecrim.

Em relação ao uso de animais (partes ou produtos), COSTA-NETO (1999) através de pesquisas etnozoológicas em comunidades indígenas da Bahia, assinalou como amuletos a cera de abelha, o chifre de boi (torrado) e o pé de coelho e como defumadores o ninho de inxu-cachorro (*Protopolybia exigua exigua*) e as penas da saracura (*Aramides cajanea*). Também assinalou o uso de uma figa feita com garras do jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) como amuleto (COSTA-NETO, 2000). Mais recentemente, ALVES (2009) relacionou outros animais usados no Nordeste contra o mau olhado, tais como: jacaré tinga (*Caiman crocodilus* (L., 1758)); jacaré coroa (*Paleosuchus palpebrosus* (Cuvier, 1807)); bode (*Capra hircus*, L., 1708) e o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus* (L., 1758).

A presente pesquisa tem como objetivo o levantamento de plantas e animais usados na prevenção e cura do “mau-olhado” junto a especialistas populares (raizeiros e benzedoras) do Recife, bem como resgatar os aspectos históricos da crença.

#### ASPECTOS HISTÓRICOS DO “MAU-OLHADO”

O “mau olhado” foi uma crença comum no século XV e alcançou sua maior difusão na Espanha, a semelhança do que ocorria no resto da Europa, nos séculos XVI e XVII, quando se registram numerosos testemunhos do “mau olhado” podendo provocar na vítima diversos malefícios e os mais diversos transtornos orgânicos. Nos tempos que se seguiram esta crença não mudou, que hoje, entre muitas pessoas, sobrevive com a mesma força (CIAPPARELLI, 2005).

Segundo antigas crenças, uma pessoa capaz de transmitir o “mau olhado”, não poderia sequer mirar-se no espelho, ou na água, ou em qualquer outra área em que refletisse o seu rosto, porque poderia causar dano a si mesma. Segundo a tradição, o poder do mau olhado nas pessoas que têm muita energia nos olhos e, na maioria das

vezes, com uma especial configuração física como, por exemplo, corcunda, estrábico, deformados ou muito feio.

Desta maneira pode-se reconhecer um indivíduo capaz de transmitir o “mau olhado”, porque os seus olhos, depois de fixados de forma insistente sobre algo ou alguém, começam a chorar de forma inexplicável e sendo acometido de dor. No entanto, acredita-se que aqueles que têm essa estranha e perigosa característica não se apercebem disso. Uma idéia muito difundida é que os olhos de uma mulher no período menstrual ou na menopausa também possuem esse poder.

Entre os antigos modelos explicativos para esta crença, destaca-se o de Enrique de Villena (1384-1434) no seu “Tratado de la fascinación o de aojamiento” o mau olhado era devido a que algumas pessoas envenenam o ar com a sua vista e este ar envenenado prejudicava quem respirasse. Isto de devia, segundo explicava o Marquês de Vilhena, que as crianças seriam mais suscetíveis a este dano, por ter os poros mais abertos e o sangue mais delicado. O Marquês de Vilhena não havia levado em consideração as contribuições árabes em sua obra, onde o olho assume um papel ativo, através da interação à distância mediante emanações que saem dos olhos e envenenam o ar afetando a vítima (BARRAÑON-CEDILLO, 2007).

Agrippa (Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486-1535) explicava o mau olhado como uma bruxaria de olhos de onde se transmitia um vapor com raios que saíam dos olhos do bruxo e que penetravam nos olhos da vítima. Esta ação poderia ser facilitada com o uso de colírios preparados para se obter o efeito desejado (BARRAÑON-CEDILLO, 2007).

Na primeira metade do século XV, Alfonso de Madrigal (o Tostado) em seu opúsculo denominado “Cinco figuratas paradoxas” explica o mau-olhado como uma enfermidade pertencente a virtude expulsiva, enquanto os humores malignos que todo o ser humano possui são expelidos na forma de espíritos (segundo o conceito galênico de espíritos) e terminam sendo absorvidos pelos olhos daqueles indivíduos suscetíveis de adoecer (MONTENEGRO, 2002).

Na visão misógina sobre o tema existe uma forte associação das mulheres no climatério com as bruxas, pela sua capacidade de causar o mau olhado. Alberto Magno (1193-1280) já teria advertido sobre a possível ação maléfica do olhar feminino da sua “Quaestiones super animalibus”, ao explicar que os vapores tóxicos sobem ao cérebro e impregnam os olhos, e a infecção é feita através do ar, como se entendia o processo da visão exposta por Aristóteles e Galeno, sendo o ar o objeto intermediário entre o olho e o objeto. Não são, pois os olhos que contaminam, mas o vapor que expelem e impregna tudo o que estiver ao seu alcance. Idéias que praticamente permanecem imutáveis até o Renascimento (VALLÉS, 1997).

Um dos textos amplamente disponíveis até o século XIX, “Os admiráveis segredos de Santo Alberto, o Grande”, explica que as mulheres velhas que não têm as suas regras,

se olham as crianças podem inocular-lhes seu veneno com os olhos. Isto acontece porque a retenção da menstruação gera maus humores, e quando essa condição se mantém há muitos anos, não têm quase nenhum calor natural para consumir e digerir essa matéria, e especialmente as mulheres pobres, que são mais venenosas que as outras (VALLÉS, 1997).

Pedro Ciruelo, em sua obra “Reprovision de las supersticiones y hechicerias”, publicado em 1530, escreve que há duas espécies de “mau olhado”, uma natural e outra por feitiçaria. No primeiro caso, homens e mulheres doentes podem infectar crianças e adultos de fraca compleição física com seu olhar. Esta infecção não se dá apenas pelo olhar, mas muito mais pelo alento das bocas, narizes, suor, vapor e bafo que sai do corpo da pessoa infeccionada, como um leproso, uma mulher menstruada ou uma velha de má compleição (VALLÉS, 1997).

Essas idéias eram reforçadas pela célebre afirmação de Plínio (o antigo) na sua História Natural, sobre o fluxo menstrual:

Difícilmente encontraremos algo tão prodigioso como o fluxo menstrual. A proximidade de uma mulher nesse estado faz azedar o mosto; ao seu contato os cereais se tornam estéreis, os enxertos morrem, secam as plantas dos jardins, caem os frutos das árvores onde ela se senta, ao seu olhar os espelhos se tornam opacos, o fio do aço se debilita, o brilho do marfim desaparece, morrem os enxames de abelhas, inclusive o bronze e o ferro se oxidam imediatamente e o bronze fica com um odor espantoso; enfim, os cães que provam o líquido tornam-se raivosos e a sua mordedura transmite um veneno sem remédio. Existe mais: o asfalto, essa substância tenaz e viscosa, que, a uma época precisa do ano, sobrenada num lago da Judéia, que se chama Asphaltites, não se deixa dividir por nada, pois adere-se a tudo que o toca, exceto por um fio infectado por este veneno. Diz-se inclusive que as formigas, esses minúsculos animaizinhos, lhes são sensíveis: abandonam os grãos que transportam e não voltam para recolhê-los. (PLÍNIO (o antigo) *apud* VALLÉS, 1997).

A misoginia na Renascença atinge o seu ápice com a publicação do “Malleus maleficarum” (O martelo das bruxas) em 1487, de autoria dos inquisidores dominicanos alemães Heinrich Kramer e James Sprenger. Embora nunca tenha sido aprovado oficialmente pela Igreja, tornou-se uma espécie de manual dos inquisidores para identificar e combater a bruxaria. A obra teve enorme impacto em toda a Europa no contexto de caça às bruxas por mais de 200 anos. Nela a mulher é considerada como símbolo do mal.

Em relação ao “mau olhado” escrevem os inquisidores:

O olhar pode ser fixado em determinado objeto sem que se atente para os demais objetos ao redor e, embora a visão se encontre perfeitamente clara, à vista de alguma impureza o olhar a contrai – como ocorre às mulheres durante seus períodos mensais. [...] Assim o espírito de qualquer pessoa se inflama e se enche de malícia e de cólera, como, muitas vezes, sói acontecer a mulheres idosas, tal espírito perturbado se deixa transparecer no olhar: sua fisionomia

adquire os traços mais malignos e os mais prejudiciais e saem, muitas vezes, a terrorizar crianças, que nos primeiros anos de vida são muitíssimo impressionáveis. Pode-se afirmar que, muitas vezes, esse fenômeno é natural, permitido por Deus; por outro lado, pode ser também que esses olhares malévolos sejam inspirados pela malícia do diabo, com quem essas velhas bruxas terão firmado um pacto secreto (KRAMER & SPRENGER, 1995: 71).

Mais adiante os autores tentam construir uma explicação baseada na crença do olhar fatal do basilisco:

...o basilisco é capaz de fulminar o homem pelo olhar porque, ao vê-lo, dado seu ímpeto colérico, põe em movimento pelo corpo um terrível veneno que, lançado pelos olhos, impregna a atmosfera, com sua substância mortífera. O homem, ao respirar naquela atmosfera, fica entorpecido e cai fulminado. Mas quando é o homem que vai ao encontro da fera guardado de espelhos – com o intuito de matá-la, por exemplo – o resultado é diverso: o monstro, vendo-se refletido nos espelhos, lança o veneno contra o seu próprio reflexo: o veneno é repellido, retorna sobre ele e o mata (KRAMER & SPRENGER, 1995: 73).

Isto é, o olhar do basilisco não atua diretamente sobre o homem e sim no ar respirado por este da atmosfera envenenada. Ao mesmo tempo, a explicação revela o porquê de tantos amuletos contra o “mau olhar” eram construídos com espelhos.

Em 1529, em seu “Tratado de superstições e feitiçarias”, o frade franciscano Martin de Castañega explica o mau olhar como: “a força natural expulsiva, que é uma das virtudes da potencia nutritiva, expele para fora todas as impurezas do corpo que não vão se transformar em substâncias de manutenção do organismo, o que é mais grosseiro é expulso pelas partes inferiores, desde que a natureza para isto projetou, o que não é tão grosso, pelas janelas naturais, como pela boca, pelo nariz e orelhas, e o que é muito mais sutil expele pelos olhos, e assim saem pelos olhos, como raios de impurezas sutis do corpo, e tanto mais sutis são mais penetrantes e infectam mais” (MONTENEGRO, 2002).

Alguns anos mais tarde, em 1546, o médico Corel Alonso Lopez, um professor da Universidade de Alcalá, em uma estranha peça na qual o “mau-olhado” é definido da seguinte forma: “Saem vapores malditos dos olhos das velhas e quando chegam até as crianças deixa-as aflitas e doentes afinando a sua pele” (MONTENEGRO, 2002).

Ainda na segunda metade do século XVII, o médico português Manuel de Azevedo disse que a origem do mau olhar estava no sangue menstrual, não purgado regularmente apodrecia causando vapores muito finos e perigosos que, ativados pela inveja, eram projetados como flechas (MONTENEGRO, 2002).

Segundo HERMIDA (1994) as mais importantes obras na Península Ibérica sobre o “mau-olhado” foram: “Tracatus de fascinatione” (1499) de Diego Álvarez Chanca, médico que acompanhou Cristóvão Colombo na sua segunda viagem à América; “Libellus de fascinatione” (1529) de Antonio de Cartagena; “Questio de fascinatione”

(1535) de Gaspar de Ribeiro e “Relectiones de fascinatione” (1561) de Tomas Rodrigues da Veiga.

No Brasil, Câmara Cascudo *apud* LIMA (1951) escreve:

Invisível, obstinado, terrível mal! Continua assombrando e matando milhares de criaturas. É uma força irradiante e malévola que o “mau olhar” espalha derredor, consciente ou inconscientemente mata devagar, rezando, como se a energia vital se evaporasse lentamente. Árvores, flores, animais, crianças, mulheres, homens, rapazes envelhecem em poucos meses. As criaturas enrugam o rosto, tremem as mãos, cambaleiam o andar, têm calafrios, insônias, mal-estar, inapetência. Perdem a alegria de olhar, de desejar, de querer. [...] Ver é entender, compreender, dirigir, orientar, o poder dos olhos constitui característica espantosa para seres e animais da fábula. A Medusa petrificava a quem a olhasse. O Calipso e o Basilisco matavam com o olhar. A alma estava nos olhos e o seu reflexo era sagrado, participante da essência vital. Como se combate o mau olhar? A ação da mão é importantíssima. A mão serve para benzer e talhar. E em forma de figa para esconjurar. A figa é fundamental para afugentar a má olhadura e muitos outros feitiços.

Como escreve CIAPPARELLI (2005), na crença do “mau-olhado” está implícita uma teoria da visão que supunha que corpúsculos partiam do olho, captavam a forma dos objetos e regressavam ao ponto de partida.

Uma teoria da visão bastante difundida na Antigüidade sustentava a hipótese da existência dos raios visuais. Essa teoria supunha que do olho emanavam segmentos retilíneos, capazes de examinar o mundo externo e trazer para a mente dados necessários para conhecermos e representarmos as formas e cores dos corpos. Entre os principais defensores dessa teoria podemos citar o filósofo grego Pitágoras (~580-500 a.C.). Segundo ele, os raios visuais emanavam do olho, propagavam-se em linha reta e se chocavam com o corpo observado, sendo a visão a consequência deste choque. Como esses raios eram divergentes, a certa distância do olho se tornava apreciável o espaço que os separava, o que explicaria que, a grandes distâncias, os objetos pequenos poderiam escapar à ação visual. Essa idéia foi admitida pela maioria dos filósofos da Antigüidade, estendendo-se seu êxito durante toda a Idade Média (BARROS & CARVALHO, 1998).

O desenvolvimento do modelo pitagórico do vínculo entre objeto e olho somente foi realizado pelo matemático grego Euclides (~323-285 a.C.). No tratado denominado “Optica”, Euclides preocupou-se em estudar a visão de objetos de formas diversas, sustentando a idéia pitagórica de raios emitidos pelos olhos. Ele postulou que os raios visuais eram emitidos pelos olhos na forma de um cone, cujo ápice estaria no olho e a base, na extremidade do objeto observado, e que estes raios propagavam-se em linha reta com velocidade constante. Criou, ainda, o conceito de raio, que permitia tratar o problema da retilinearidade da propagação da luz de um ponto de vista puramente geométrico, exercendo, assim, uma influência decisiva na construção das teorias sobre a luz e visão (BARROS & CARVALHO, 1998).

Platão (427–347 a.C.), seguindo a escola pitagórica, especialmente Alcmaeon de Crotona e Empédocles, tomou como base para a sua teoria da visão a suposição de que é o próprio olho que emite os raios visuais que atingem o objeto formando a sua imagem. Admite-se, segundo essa teoria, que o fogo é o principal elemento para conduzir os raios visuais emitidos pelo olho; nesse sentido, essa teoria foi denominada de teoria da emissão ou teoria do fogo intra-ocular (TOSSATO, 2005).

Novas contribuições ao estudo da óptica geométrica que somente foram realizadas no século XI com a publicação da obra de Al Hazen (965-1039) “Tesouro da Óptica” por volta de 1038. Al Hazen deu um golpe mortal na teoria dos raios visuais, após considerar que mesmo depois de olhar para o Sol e, então, fechar os olhos, uma pessoa continuava a ver o disco solar por algum tempo. Além disso, observou que enquanto permanecia olhando fixamente para o Sol, um observador sentia um efeito fisiológico associado com ofuscamento ou dor. Esses dois fatos entravam claramente em conflito com a teoria dos raios visuais, pois, se a emissão desses raios envolvesse sofrimento, eles naturalmente não poderiam ser emitidos e, tão logo os olhos se fechassem, a visão deveria cessar. Segundo Al Hazen, o fenômeno real exigia um agente externo que deveria impressionar o olho do observador, além do que, se o agente fosse muito forte, ele afetaria o órgão do sentido de tal modo, que aquela impressão ainda permaneceria por algum tempo, mesmo após o observador ter fechado os olhos (BARROS & CARVALHO, 1998).

Em termos filosóficos, Al Hazen segue a teoria democritiana da intromissão, rejeitando a explicação dada pela teoria da emissão. O olho não realiza nenhuma ação, mas, ao contrário, sofre a ação da luz (TOSSATO, 2005).

Al Hazen e seus seguidores, principalmente Roger Bacon, Pecham e Vitélio, deram ênfase a teoria da intromissão. Com isso, o olho passou a ser entendido como um elemento passivo. Aliado a isso, está a analogia com a câmara escura. Filosoficamente, o olho deixa de ser entendido como um agente ativo, tal como expresso principalmente pela teoria da emissão, e passa a ser entendido por analogia a um artefato mecânico, a câmara escura (TOSSATO, 2005).

As bases sobre as quais durante séculos se baseou esta crença: a magia simpática que teve como sustentação a possibilidade de atuar a distância através do “éter” e as teorias clássicas da visão que supunham que o olho emitia raios ou corpúsculos que entravam em contato com os objetos.

Assim, embora historicamente superada, a teoria da emissão pitagórico-euclidiana-platônica da visão pode servir de modelo explicativo da crença do “mau olho”, onde se acredita no papel ativo dos olhos na emissão de “raios” que atuam maleficamente sobre os seres vivos.

## MÉTODO

Foram realizadas entrevistas não estruturadas (COSTA-NETO, 2002) através de gravação fonográfica

autorizada, conforme orientação metodológica de VIERTLER (2002).

Foram entrevistados 26 especialistas, sendo 15 raizeiros (ou vendedores de ervas) e 11 benzedeiros (ou rezadeiras). Os raizeiros foram localizados em feiras livres e mercados populares e as benzedeiros em diversos bairros populares do Recife. Entre os raizeiros 5 são homens e 10 mulheres (entre 28 a 53 anos de idade); as benzedeiros são mulheres entre 49 a 72 anos de idade.

A escolha dos entrevistados foi baseada no critério da existência dos chamados dos especialistas populares, isto é, pessoas que são reconhecidas pelas comunidades como detentoras de um saber e práticas de cura, que não tem relação com o conhecimento tecno-científico de cunho acadêmico.

O Recife é uma das cidades coloniais mais antigas do Brasil, pois sua origem remonta ao século XVI, já mencionado no chamado “Foral de Olinda” de 1537 pelo colonizador Duarte Coelho seu primeiro donatário. O Recife hoje é uma grande metrópole e o chamado “grande Recife” abrange um conjunto de antigas localidades antes completamente autônomas, como é o caso de Olinda, antiga capital de Pernambuco. A colonização de Pernambuco se constituiu num verdadeiro caldeamento de diferentes culturas, mas que ainda conservam um rico e diversificado conjunto de concepções sobre as práticas de cura, entre elas contra o “mau-olhado”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os especialistas populares entrevistados as formas de debelamento do “mau-olhado” dividem-se em:

Formas de prevenção:

- 1) Plantas em vasos: As plantas consideradas de ação preventiva são colocadas em vasos dentro ou fora de casa para proteger o local. Segundo os especialistas populares se as plantas murcharem rápido é sinal de “mau-olhado”.
- 2) Banhos: Se as pessoas quiserem se proteger ou tirar o “mau-olhado”, deve macerar as plantas indicadas num recipiente com água e depois de tomar banho normal despeja no seu corpo a água do recipiente com as plantas maceradas. Dependendo da indicação molha-se a cabeça ou não.
- 3) Amuletos: As pessoas usam partes de plantas ou animais guardadas nos bolsos da roupa ou nas bolsas para proteção.

Formas de tratamento:

- 1) Benzeduras: realizadas pelas “benzedeiros” utilizando três ou sete galhos das plantas escolhidas que tocam o indivíduo que está com “mau-olhado” em diversas partes do corpo enquanto a benzedeira balbucia uma oração.
- 2) Defumação: queimam-se partes da planta ou animal escolhido num fogareiro com carvão, envolvendo o indivíduo com “mau-olhado” na fumaça produzida.

Tabela 1. Plantas e animais utilizados na cura e prevenção do “mau-olhado” segundo especialistas populares do Recife.

Denominações populares	Nomes científicos	Formas de utilização
<b>PLANTAS</b>		
1. Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Lamiaceae)	Em vasos*
2. Alfavaca	<i>Occimum gratissimum</i> L. (Lamiaceae)	Em vasos, aguações, banhos e benzeduras
3. Alho (macho e fêmea)	<i>Allium sativum</i> L. (Alliaceae)	“Dentes” como amuleto
4. Alho -do-mato	<i>Hipperastrum psittacinum</i> (Ker Gawl.) Herb. (Amaryllidaceae)	Amuleto
5. Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi (Anacardiaceae)	Benzeduras
6. Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L. (Rutaceae)	Em vasos, aguações, banhos, vassouras e benzeduras
7. Aticum	<i>Annona salzmannii</i> DC. (Annonaceae)	Aguações e banhos
8. Atipim, tipi ou guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L. (Phytolacaceae)	Em vasos, aguações, banhos e benzeduras
9. Café	<i>Coffea rábica</i> L. (Rubiaceae)	Benzeduras
10. Carrapateira (branca e roxa)	<i>Ricinus communis</i> L. (Euphorbiaceae)	Benzeduras
11. Catanduba ou carrasco	<i>Piptadenia moniliformes</i> Benth. (Mimosaceae)	Em banhos, aguações e vassouras
12. Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L. (Apiaceae)	Benzeduras
13. Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt. & R.M.Smith (Zingiberaceae)	Benzeduras, aguações e banhos
14. Comigo-ninguém -pode	<i>Dieffenbachia</i> spp. (Araceae)	Em vasos, aguações, banhos, amuletos e benzeduras
15. Corona, corona -branca	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess (Crassulaceae)	Benzeduras
16. Erva-da-fortuna	<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb. (Crassulaceae)	Em banhos e aguações
17. Espada -de-São-Jorge	<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd. (Dracaenaceae)	Em vasos, banhos e benzeduras
18. Lacre	<i>Vismia guianensis</i> (Aublet) Pers. (Clusiaceae)	Em banhos, aguações e vassouras
19. Liamba	<i>Vitex agnus -castus</i> L. (Verbenaceae)	Em vasos, aguações, banhos e benzeduras
20. Macassá	<i>Aeolanthus suaveolens</i> Mart. Ex Spreng. (Lamiaceae)	Em vasos
21. Malvarisco ou malvaíscio	<i>Piper marginatum</i> Jacq. (Piperaceae)	Em banhos
22. Mangerioba	<i>Senna alata</i> (L.) Roxb. (Fabaceae)	Em banhos e aguações
23. Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i> L. (Lamiaceae)	Em vasos, banhos e benzeduras
24. Mangerona	<i>Origanum majorana</i> L. (Lamiaceae)	Em banhos e aguações
25. Mirra	<i>Commiphora</i> sp. (Burseraceae)	Benzeduras
26. Olho -de-boi	<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. Ex Benth. (Fabaceae)	Amuleto
27. Pinhão-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L. (Euphorbiaceae)	Em vasos, aguações, banhos e benzeduras.
28. Tapete -de-Oxalá	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews (Lamiaceae)	Em banhos e aguações
29. Vassourinha -de-benzer ou rezar	<i>Scoparia dulcis</i> L. (Scrophulariaceae)	Benzeduras
30. Vassourinha -de-botão	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey (Rubiaceae)	Benzeduras
<b>ANIMAIS</b>		
1. Boi	<i>Bos taurus</i> L. (Bovidae)	Amuleto (chifre)
2. Coelho	<i>Sylvilagus brasiliensis</i> L. (Leporidae)	Amuleto (pé)

\*Não com finalidade ornamental, mas com plantas consideradas de ação preventiva contra o mau-olhado.

- 3) Vassouras: juntam-se galhos das plantas escolhidas numa forma de vassoura e com ela se varre o ambiente para “tirar os maus fluidos”.

Constatou-se durante a realização desta pesquisa certa dificuldade na obtenção de informações dos raizeiros nos mercados públicos e feiras livres. Alguns chegaram mesmo a negar-se a prestar informações, ao contrário do que ocorreu com as benzedoras que foram muito acessíveis e fizeram questão de prestar todos os esclarecimentos sobre a sua prática. Esta postura dos raizeiros talvez seja devida à desconfiança em relação à fiscalização do seu comércio. Assim, acredita-se que o baixo número de produtos animais citados seja devido ao temor da fiscalização de órgãos como o IBAMA, por exemplo.

Dentre os 26 especialistas populares entrevistados existe uma forte presença feminina nestas atividades (21), que está de acordo com os aspectos sócio-históricos do tema, que evidenciam a forte presença das mulheres na manipulação das plantas medicinais e nas suas práticas de cura (ZORDAN, 2005). Conhecimento este que historicamente foi associado à prática de “bruxaria”. Como escreve COELHO (1998) a crença nas “bruxas” vem de antiqüíssimas tradições oral-pagãs e o testemunho de épocas em que as mulheres eram consideradas sacerdotisas, por sua sabedoria, por seu poder reprodutor (maternidade), pela prática do culto lunar e pelo domínio do conhecimento sobre as ervas.

Por outro lado, no Nordeste existe uma diferenciação entre rezadeiras e “feiticeiras”, segundo informação verbal coletada por SANTOS (2007): “Feiticeira, bruxa é aquela pessoa que tanto tira quanto bota, e a rezadeira é a de rezar para olhado, quebranto, uma dor, uma pancada, uma reza diferente, assim como Jesus andava curando as pessoas”.

Segundo SANTOS (2007) em sua pesquisa sobre as rezadeiras em Cruzeta (RN), as “doenças de rezadeira” são: olhado, quebrante, vento caído ou vento virado, espinhela caída, carne triada, isipa, fogo selvagem e mal de monte, cobreiro, ferida de boca e engasgo.

Como pode ser constatado, o número de plantas citadas (30) relacionadas com o “mau-olhado” é muito superior a qualquer levantamento feito anteriormente, bem como as formas de utilização, que além da benzedura e amuletos, foram registradas outras formas, como a aguação, banhos e vassouras.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crença no “mau-olhado” tem raízes históricas muito antigas, ocorrendo praticamente em todas as culturas. No Ocidente teve um forte componente na ideologia misógina que atribui às mulheres a capacidade de produzir malefícios através do olhar. A crença tem como pressuposto uma teoria da emissão da visão onde se acredita no papel ativo dos olhos na emissão de “raios” que atuam maleficamente sobre os seres vivos.

A crença no “mau-olhado” chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses e aqui sofreu um amálgama cultural. No Nordeste brasileiro o “mau-olhado” está inserido num rico complexo cultural notadamente afro-brasileiro.

As práticas contra o “mau-olhado” no Recife devem ser compreendidas no conjunto de um grande acervo de saberes e práticas sobre doença, cura e prevenção da chamada “medicina popular”. Como qualquer outro campo do saber essas práticas de cura tem seus profissionais, como os raizeiros e benzedoras, que detêm um acervo de conhecimentos.

#### REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE UP. 1997. **Folhas sagradas: as plantas litúrgicas e medicinais nos cultos afro-brasileiros**. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- ALVES RRN. 2009. Fauna used in popular medicine in Northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. 5(1).
- ARAÚJO AM. 1977. **Medicina rústica**. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional.
- BARRAÑON-CEDILLO A. 2007. El ajoamiento en la physica de Alonso Gutierrez. **Biomed**. 18: 61-71.
- BARROS MA & AMP CARVALHO. 1998. A história da ciência iluminando o ensino de visão. **Ciên. & Educ**. 5(1): 83-94.
- BASTIDE R. 1978. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BRAGA R. 1960. **Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Oficial.
- CAMARGO MTLA. 1985. **Medicina popular**. São Paulo: Almed ed.
- CAMPOS E. 1967. **Medicina popular do Nordeste: superstições, crendices e mezinhas**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora O Cruzeiro.
- CIAPPARELLI LB. 2005. Medicina y literatura en el Tratado de Fascinación de Enrique de Villena. **Cuad. Hist. Esp**. 79: 31-56.
- COELHO VC. 1998. **Ritos encantatórios: os signos que serpenteiam as chamadas bruxas**. São Paulo: Anablume.
- CORREA MP. 1974. **Dicionário das plantas do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.
- COSTA-NETO EM. 1999. **“Barata é um santo remédio”: introdução à zooterapia popular no Estado da Bahia**. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA-NETO EM. 2000. **Introdução à etnoentomologia: considerações metodológicas e estudo de casos**. Feira de Santana: UEFS.
- FERREIRA ABH. 1986. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- HERMIDA JS. 1994. Dos tratados médicos quinientistas contra el mal del ojo: los opúsculos de Gaspar de Ribeiro y Tomas Rodrigues da Veiga. **Anthropos** 154-155: 106-111

- KRAMER H & J SPRENGER. 1995. **O martelo das feiticeiras**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos.
- LIMA FCP. 1951. "**Mau olhado**". Vitória: Folclore.
- MELLO, JAG. 1986. Superstição e experimentação nos escritos de Diego Alvarez Chanca, médico da segunda expedição de Colombo às Índias. *In*: JAG MELLO. **Estudos pernambucanos**. 2ª ed. Recife: FUNDARPE.
- MAIOR MS & R LÓSSIO. 2004. **Dicionário de folclore para estudantes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana.
- MONTENEGRO EC. 2002. Los judíos y las ciencias ocultas en la Espana medieval. *En la España Medieval* 25: 47-83.
- SANTOS FV. 2007. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta (RN)**. MSc. Diss. Natal: Univ. Fed. do Rio Grande do Norte.
- TOSSATO CR. 2005. A função do olho humano na óptica do final do século XVI. *Scientiæ Studia* 3(3): 415-41.
- VALLÉS JLC. 1996-1997. La mujer venenosa en la época medieval. **Ver. de Liter. Españ. Méd. e del Renasc.** 1.
- VIERTLER RB. 2002 Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em etnobiologia e etnoecologia. *In*: MCM AMOROZO, LC MING & SMP SILVA (orgs.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro, UNESP/CNPq.
- ZORDAN, PBMBG. 2005. Bruxas: figuras de poder. *Est. Fem.*, 13(2): 331-341.